

A IMPORTÂNCIA DA INICIAÇÃO DA PESQUISA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA: RELATO DA EXPERIÊNCIA REALIZADA NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO TEODORICO TELES DE QUENTAL EM CRATO – CEARÁ

FRANCISCO STEFESON DA SILVA

Mestrando em Ensino de Sociologia da rede PROFSOCIO - Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/ CDSA- SUMÉ - PB. Professor de Sociologia da Rede Pública no Estado do Ceará. stefesonsociologo@gmail.com

FABIANO CUSTÓDIO DE OLIVEIRA

Doutor em Planejamento Urbano e Desenvolvimento Regional UFRJ/ Mestre em Geografia pela UFPB. Atualmente é professor do curso de Licenciatura interdisciplinar em Educação do Campo – CDSA/UFCG – Área das Ciências Humanas e Sociais. Coordenador do Laboratório de Ensino de Geografia e Educação do Campo – LEGECAMPO. Universidade Federal de Campina Grande. fabiano.geografia@gmail.com

RESUMO

O artigo tem o objetivo de trazer a discussão sobre a importância da pesquisa científica na educação básica com estudantes do ensino médio, evidenciando um relato de experiência sobre a realização do projeto de pesquisa apresentado na Feira Regional de Ciência e Cultura da Crede 18 (18ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação), na área de Ciências Humanas, desenvolvido na Escola de Ensino Médio Teodorico Teles de Quental no município de Crato - Ceará, no ano de 2014. A proposta busca discutir a importância e características de dois distritos da cidade, evidenciando suas riquezas culturais, naturais e históricas em contrapartida a dois movimentos distintos que distorcem a maneira como entendemos o que é viver em um sítio ou distrito isolado de tudo e todos. O impacto de uma grande obra governamental e um projeto de emancipação mudam a compreensão dos moradores e fazendo com que eles despertem um espírito cooperativo e solidário, ao passo que o desejo de marcar e delimitar o seu espaço torna-se uma característica bem evidenciada para os estudantes que estão em processo de construção do

saber e pesquisa científica. O artigo busca, metodologicamente, descrever e relatar as experiências da pesquisa vivenciadas pelos alunos da educação básica, que, orientados pelo professor, aplicaram seus conhecimentos na análise e compreensão dos espaços estudados, através de uma pesquisa caracterizada de qualitativa, com a observação participante sendo a principal ferramenta norteadora do desenvolvimento da pesquisa, possibilitando aos estudantes a observação e o convívio no campo de estudo. Os resultados dessa pesquisa permitiram que os estudantes vivenciassem realidades ímpares em suas vidas, pois ouviram e constataram como os grupos sociais, sejam de grandes centros urbanos ou de pequenas comunidades agrícolas do interior do Ceará, lutam por seus ideais para manter sua história, memória e lares preservados, recorrendo a cultura e outras formas mais que legítimas, demonstrando como vivem e sofrem para manter suas comunidades e sítios sempre preservados.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia. Metodologia do Ensino. Pesquisa em sala de aula. Processo de Ensino- Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem o propósito de trazer a discussão sobre a importância da pesquisa científica na educação básica com estudantes do ensino médio, evidenciando um relato de experiência sobre a realização do projeto de pesquisa apresentado na Feira Regional de Ciência e Cultura da Crede 18 (18ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação), na área de Ciências Humanas, desenvolvido na Escola de Ensino Médio Teodorico Teles de Quental no município de Crato - Ceará, no ano de 2014.

A proposta de pesquisa surgiu nos debates em aulas de Sociologia na referida escola com turmas de 1ª ano do ensino médio. Depois, ampliamos os debates e convidamos também turmas do 2ª ano, para que um grupo maior de estudantes fosse contemplado com a pesquisa.

O interesse de lançar um projeto para a *Feira Regional de Ciência e Cultura, Edição 2014: do senso comum à ciência: desenvolvimento regional sustentável e solidário*, já estava pautado nas reuniões pedagógicas e fazia parte do interesse da coordenação escolar que algo fosse desenvolvido por cada disciplina.

Conquistar o envolvimento dos alunos e descobrir uma maneira de despertar o interesse para participar do projeto são fatores importantes para consolidar qualquer proposta de pesquisa na educação básica. Assim, fomos lapidando um trabalho com base nos temas trabalhados em aula na disciplina de Sociologia e atentos a temática da feira que envolvesse a discussão sobre cultura e o desenvolvimento local.

Depois de várias sugestões, fomos estruturando o projeto interdisciplinar que se chamaria: *Apresentando o Crato aos cratenses: cultura, política e desenvolvimento*. Com essa temática foi possível construir uma pesquisa que despertasse o interesse dos alunos em conhecer mais sobre sua cidade e ainda que permitisse aplicar os saberes adquiridos das Ciências Humanas com as disciplinas de Sociologia, Filosofia, Geografia e História.

Nosso objeto de pesquisa foi dois distritos da cidade do Crato: o distrito de Baixo das Palmeiras, que vivenciava um grande impacto causado por uma obra de nível estadual, e o distrito de Ponta da Serra, que buscava conquistar a emancipação política. Duas localidades distintas, mas que apresentavam grande potencial de análise e estudos culturais e sobre desenvolvimento local, pois as transformações e preocupações que as comunidades apresentavam naquele momento, juntamente com o contexto

social vivenciados, despertavam a problemática necessária para o desenvolvimento da pesquisa.

Buscamos unir o significado natural, cultural, artístico e simbólico com a dimensão social, econômica e política dos dois distritos, tentando responder às perguntas: *O que os torna tão singular com relação aos outros distritos do Crato? Quais os impactos que o desenvolvimento causa a esses dois distritos? Quais as suas riquezas naturais e culturais?*

Tentando responder a essas perguntas, convidamos professores da área de Ciências Humanas e as turmas de alunos para compor a equipe de pesquisadores que conheceriam as comunidades através de aulas de campo, roda de conversas e palestras com os moradores das comunidades.

A pesquisa foi marcada pelo acompanhamento na comunidade, indo até os distritos. Os alunos vislumbraram o cotidiano dos moradores e seus espaços culturais, de trabalho e convívio social. A pesquisa caracteriza-se de maneira qualitativa, com a observação participante sendo a principal ferramenta norteadora do desenvolvimento do trabalho.

Esse método de estudo exige tempo e dedicação prolongada para consolidar uma pesquisa com a qualidade e rigor científico exigidos na academia, mas o seu uso na educação básica apresenta uma maior limitação, o que não desmereceu as etapas da pesquisa e sua importância.

Na observação participante que desenvolvemos, buscamos contato direto com representantes e nativos dos distritos estudados, fizemos um contato virtual, com convite para palestras na escola e pedido para conhecer os locais, com visitas guiadas por nossos convidados. A observação participante permitiu estar entre os nativos dos distritos. Alguns alunos já conheciam ou tinham contato com alguém dos lugares estudados, o que facilitou nossa entrada como visitantes bem - acolhidos.

Em resenha do livro *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*, de William Foote Whyte, escrita pela professora de Sociologia da Universidade de Lille 1, Licia Valladares, ela afirma no sétimo mandamento,

7) A observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos. É preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, assim como que perguntas fazer na hora certa (p. 303). As entrevistas formais são muitas vezes desnecessárias (p. 304), devendo a coleta de informações não se restringir a isso. Com o tempo os dados podem vir ao

pesquisador sem que ele faça qualquer esforço para obtê-los. (VALLADARES, 2007, p. 154)

Inspirados nessa perspectiva, a utilização da observação participante nos permitiu compreender os aspectos, anseios e preocupações das comunidades estudadas, partindo de uma orientação com os professores e sensibilidade para ver e ouvir o que os moradores e os espaços dos distritos tinham a nos dizer.

A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO CONTEXTO ESCOLAR

A ciência além de uma forma de conhecimento imprescindível na construção de saberes especializados, deve ser compreendida sempre como dimensão inseparável da educação. Dessa maneira, aplicá-la, estudá-la e utilizá-la como procedimento de análise em busca do conhecimento em todas as esferas da educação torna-se fator decisivo para a construção de novos pesquisadores comprometidos com o valor e riqueza metodológica, proporcionados pelo estudo científico.

A escola permite o ingresso da pesquisa e a contribuição do professor pesquisador no processo de ensino aprendizagem consolida um debate rico, necessário e emergente sobre o papel do professor em sala de aula e a construção das práxis pedagógicas emergindo com a figura do professor pesquisador.

Debate extenso que tem por base reflexões sobre o papel do professor, o pesquisador profissional, o professor pesquisador na academia e o professor pesquisador na educação básica. Não entraremos no mérito do debate, mas torna-se necessário refletir sobre as condições, apoio, orientação e ingresso do professor da educação básica construindo pesquisas com estudantes do ensino médio. Os laços que conectam os pesquisadores com os professores pesquisadores ganham destaque na análise de Colombo (2015). Ela nos apresenta um debate rico sobre o papel da pesquisa e os agentes envolvidos, como na citação a seguir,

O lugar de onde o professor-pesquisador fala não é o mesmo do pesquisador acadêmico, e é por esta razão que aliados estes estudos impulsionam os avanços na área da Educação. Considera-se, então, a atuação do professor pesquisador como conciliadora da pesquisa educacional com o contexto escolar, permitindo que a distância entre ambas diminua, seja porque o

professor tornou-se pesquisador ou porque o pesquisador passou a participar do cotidiano escolar. (COLOMBO, 2015, p.191)

Ambos, pesquisador e professor pesquisador, são necessários, pois, o campo de estudo e consolidação da pesquisa é fértil e dinâmico. A sala de aula é de longe o espaço em que a ciência é construída e ganha visibilidade. A união da prática educacional com o rigor científico e metodológico da pesquisa contribuem para nossa análise sobre a importância da pesquisa na educação básica, destacando aqui o ensino de Sociologia.

A pesquisa na educação básica com a disciplina de Sociologia encontra um campo de estudo amplo e diversificado com várias possibilidades de análises e torna-se necessário por permitir aos estudantes da educação básica uma compreensão do processo de fazer ciências, dando-lhes voz em uma área voltada principalmente para estudantes de graduação e professores universitários.

A educação básica é o momento de formação de crianças e jovens em que o saber científico ganha destaque e se apresenta como mais uma maneira de compreensão do mundo, além da formação cultural individual e coletiva dos estudantes e suas filosofias de vida, costumes e orientações religiosas.

A Sociologia destaca-se nesse ambiente por ser mais uma expressão do saber científico e proporcionar aos estudantes uma outra compreensão sobre aquilo que para os estudantes já é familiar e cotidiano.

Para desenvolver o saber científico é preciso adquirir um modo de agir sistematizado e específico da ciência. A sociologia é um modo científico de conhecimento. Ela trabalha com causalidades, variáveis, hipóteses, observações controladas e coletas de informações que podem ser verificadas. Durante o curso, os estudantes precisam compreender o mais claramente possível que a sociologia é uma ciência, mesmo que o professor não pretenda que eles produzam esse tipo de conhecimento com o rigor que o caracteriza (BARBOSA, 2012, p.22)

Proporcionar uma visão crítica está na base sistemática da construção do saber sociológico. Ensinar a pesquisar em Sociologia é construir um olhar analítico, crítico e metodológico desde educação básica, permitindo aos estudantes construir a si como pesquisadores de sua própria história. A legitimidade da ciência é ampliada por aqueles que a respeitam e a reconhecem como uma ferramenta indispensável na construção do saber. Utilizá-la

no cotidiano escolar é permitir um renascimento diário como educador e pesquisador, pois ela nos proporciona visualizar novas perspectivas e compreensão sobre o que nos é comum e nos retira do nosso lugar de conforto.

O conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento do seu ofício; para realizar suas próprias potencialidades, e quaisquer oportunidades que surjam em seu caminho, ele constrói um caráter que tem como núcleo as qualidades do bom trabalhador. (MILLS, 2009, p. 22)

Wright Mills, em sua obra *Sobre o artesanato intelectual*, possibilita-nos a compreensão de uma realidade de extrema importância e relacionar o cotidiano do nosso trabalho com a nossa experiência de vida, pois ele nos permite abranger o artesanato intelectual como elemento fundamental para a aplicação do conhecimento no cotidiano, atrelado ao nosso trabalho intelectual. Uma lição que nos ajuda a compreender o cotidiano em sala de aula como o campo de estudo de todo sociólogo que busque ou esteja na educação cumprindo o ofício de professor.

Permitir que os estudantes relacionem e analisem o seu cotidiano sob a ótica do critério científico é construir as novas bases do “ofício de sociólogo”, pois o campo de estudo e a vivência dos discentes tornam-se o cenário rico e diversificado para formular novos olhares e novas teorias que as ciências sociais permitirá analisar e compreender essa dimensão empírica.

A ferramenta fundamental é perceber o quanto a pesquisa na educação básica é importante na construção de saberes sobre os sujeitos envolvidos, seu cotidiano, espaços de luta e vivência, culturas, hábitos e costumes, estética, diversão e compreensão de mundo. São elementos da vivência cotidiana de cada estudante, suas experiências, exemplos da forma como o artesanato intelectual contribuem para a compreensão e enriquecimento da pesquisa no ensino de sociologia na educação básica, porque “ (...) o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar” (MILLS. 2009, p. 22).

Dentre tantas contribuições, Wright Mill lança uma importante fonte de análise pesquisa, pois perceber o quanto nossa experiência e convívio cotidiano permitem construir um saber científico rigoroso é importante, sobretudo, para os jovens da educação básica que visualizam como as suas vidas são afetadas pela ciência e aprendem a analisá-las com o rigor metodológico científico.

METODOLOGIA – RELATOS DAS ETAPAS DA PESQUISA REALIZADA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA NA ESCOLA TEODORICO TELES DE QUENTAL

A gestação da pesquisa teve início durante as aulas de Sociologia. Na ocasião, discutimos cultura e suas manifestações materiais e imateriais com as turmas de primeiro ano do ensino médio. Artes, dança, música e identidade eram temas nas discussões, na qual trabalhamos questões como onde podemos encontrá-las e quais povos poderiam ser referência nesse aspecto. Nas turmas de segundo ano do ensino médio, trabalhamos conceitos e teorias voltadas para movimentos sociais, transformações urbanas, direitos e lutas sociais, periferias, violência e desigualdades sociais.

Estávamos seguindo um programa de disciplina pautado na proposta do livro didático *Sociologia em Movimento*, da editora Moderna. Os trabalhos em sala foram norteados pelos assuntos abordados no livro, que nos auxilia e torna-se o ponto de partida para as discussões em sala de aula por ser uma leitura acessível, afinal os alunos têm a posse do livro durante o ano letivo.

Foram abordadas discussões dos capítulos 03, “Cultura e ideologia”, na unidade 2 - Cultura e Sociedade: cultura, poder e diversidade nas relações cotidianas, para o primeiro ano; e do capítulo 08, “Movimentos sociais”, na unidade 3 - Relações de Poder e Movimento Sociais: a luta pelos direitos na sociedade contemporânea, para o segundo ano.

Resolvemos incrementar e direcionar o debate para a nossa realidade, a fim de construir uma proposta de projeto de pesquisa com um objeto a ser estudado próximo da realidade dos estudantes. Surgiu assim a provocação do professor para que os alunos pensassem em suas realidades, suas comunidades, bairros e sítios e como a cultura e o desenvolvimento estão presentes e relacionam-se nesses espaços.

Diante do exposto, o professor de Sociologia sugeriu realizar aulas de campo, recurso didático metodológico muito rico para o aprendizado, que permite evidenciar a experiência empírica e conhecer ambientes além dos muros da escola. A escolha dessa metodologia reflete uma dimensão das condições de trabalhos percebido pelos agentes envolvidos, pois

As escolhas metodológicas do ensino em geral e do ensino de Sociologia em particular dependem do modo como a escola está organizada, como o trabalho docente se estrutura, como os docentes são contratados, como esses docentes compreendem

a função da escola, como pensam a infância e juventude no contexto atual e como estruturam suas aulas. (SILVA, 2009, p. 16)

A aula de campo possibilita a aplicação e uso de outras ferramentas metodológicas, a saber, entrevistas, observação participante e vivências dos pesquisadores nos espaços da pesquisa, também proporcionando ao estudante relacionar a teoria com a prática.

No processo de escolha dos objetos e espaços a serem estudados, os alunos contribuíram com proposta de locais a serem visitados que estivessem relacionados com o tema da Feira Regional de Ciência e Cultura.

Propomos assumir a condição de professor democrático, que busca instigar nos estudantes a sua participação e reconhecer sua preocupação como educando, afinal entendemos “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 2011, p. 28).

A preocupação e consulta dos estudantes sobre lugares que poderiam ser o nosso cenário de pesquisa possibilitaram um melhor engajamento dos mesmos ao trabalho proposto. Atribuir a eles responsabilidades é reconhecer e fortalecer suas capacidades de decisão e compromisso.

Foram muitas as sugestões de lugares. Coube ao professor direcionar para duas comunidades na cidade do Crato, dois distritos da cidade que vivenciavam grandes discussões e passavam por transformações de ordem política, econômica e cultural, que estavam diretamente relacionadas com os temas debatidos em sala de aula.

Os distritos de Ponta da Serra e Baixo das Palmeiras foram escolhidos diante do potencial de debates que poderiam surgir relacionados às discussões propostas nas aulas de Sociologia e sua relação direta com alguns alunos que desejavam conhecer outras comunidades da cidade.

Essas comunidades vivem em lutas. De um lado, no distrito de Baixo das Palmeiras, os moradores estavam fazendo um resgate de sua história e cultura e lutavam contra uma obra do governo, o Cinturão das Águas do Ceará – CAC, apresentada como “obra Hídrica com previsão de término em quarenta anos. (...) que consiste em dar continuidade na transposição do Rio São Francisco em seu eixo norte”. (Brito, p. 89, 2016), de abrangência significativa. O autor afirma que

O cinturão das Águas do Ceará é um projeto ousado que deseja perfazer 133,56 Km no sentido Leste-Oeste e Sul-Norte. Será constituído de canais, túneis e sifões, tendo como origem a cidade de Jati, sul do estado, fronteira com Pernambuco. É uma

extensão da Transposição do Rio São Francisco. (BRITO, p. 97, 2016).

Em seu projeto inicial, o CAC direcionava a obra de transposição das águas por dentro do distrito, sendo necessário a derrubada e desapropriação de várias moradias e lavouras, o que forçava a maior parte da população a sair de suas casas e perder parte de sua história.

Os moradores da comunidade estavam em constantes reuniões na sede do sindicato dos agricultores do distrito de Baixio das Palmeiras, mantendo diálogo frequentes com os representantes jurídicos do município, estado e engenheiros da obra, na tentativa de preservar suas casas e comunidade e convencê-los a mudar o local de escavações para a transposição das águas.

Como recurso para justificar a mudança de local em que a obra poderia ser construída, os moradores elaboraram um dossiê junto com o professor e morador do distrito Francisco Wlirian Nobre (Liro Nobre), representante da comunidade e principal articulador do movimento que propunha novas alternativas e percursos diferentes para a construção da obra, sem a necessidade de desabitatar parte do distrito.

A elaboração do dossiê foi uma rica estratégia de resistência. Ele reunia achados arqueológicos na comunidade, continha um resgate histórico dos sítios, com suas famílias e as linhagens de moradores fundadores do distrito e importantes para a história local, além de uma apresentação de suas riquezas naturais, culturais e artísticas arqueológicas, com um banco de sementes produzido e plantado em todo o distrito.

Além da articulação em reuniões constantes e a criação do dossiê, também houve várias passeatas e manifestações pacíficas até a sede do município, protestos dos moradores no local da obra e viagens às agências reguladoras do estado para que a comunidade não fosse destruída.

Essa articulação foi de grande riqueza para os estudantes que viram o quanto a comunidade estava organizada enquanto um movimento comum de valorização local de sua própria história.

Outro distrito era a Ponta da Serra. Em sentidos opostos, ideológico e, por localização geográfica na cidade do Crato, com propósitos diferentes, o distrito estava com um Projeto de Emancipação política aguardando o resultado do processo de apreciação para determinar se seria aceito ou não a independência da Ponta da Serra.

O projeto de emancipação política teve início no ano de 1991-1992, com um pequeno grupo de moradores, membros do Núcleo do Partido dos Trabalhadores da Ponta da Serra, segundo afirmação do Professor Antônio

Correia Lima (Seu Toinho), historiador, morador da comunidade, responsável pela Rádio Difusora da Ponta da Serra e pelo periódico impresso Jornal da Ponta da Serra, e co-idealizador do projeto de emancipação.

Tal proposta de emancipação dividia a opinião dos moradores locais sobre essa possível independência, enquanto os idealizadores da proposta estavam enfáticos em transformar o então distrito em uma nova cidade, desvinculando-a completamente do município do Crato.

O lançamento da proposta era apoiado por um grupo pequeno de moradores entre eles alguns comerciantes com pretensões políticas. O distrito já contava com dois vereadores que encabeçaram a proposta, mas, na câmara dos vereadores do município, não era uma proposta bem vista, o que apresentava maior dificuldade de ser aprovada em outras instâncias.

Notadamente, o debate sobre cultura e desenvolvimento local e regional estavam presentes e tornam assuntos de grande relevância para os cidadãos cratenses e moradores locais, permitindo que fossem ouvidos e vistos e que os estudantes da escola pudessem vivenciar uma experiência metodológica de pesquisa, com anotações em caderno de campo, conversas com moradores, fotografias dos principais locais e espaços históricos e culturais e relatos de moradores que apresentavam suas histórias de vida e da comunidade, preocupações sobre e sonhos sobre o seu lugar de origem.

Os alunos iniciaram pesquisas na internet para colher informações e dados a respeito das localidades. Depois, fomos identificar agentes sociais e moradores nativos que conhecessem a comunidade e poderiam nos dar suporte e apresentar cada distrito.

Em seguida, os estudantes e os professores levantaram os dados sobre os aspectos culturais mais característicos das localidades e de que maneira as propostas de desenvolvimento afetariam essas comunidades.

A pesquisa, realizada com séries mistas (alunos do 1º e 2º ano da escola) favoreceu uma participação considerável e permitiu que estudantes mais tímidos pudessem se tranquilizar, enquanto estudantes mais experientes faziam perguntas durante o percurso da aula em campo.

Dessa maneira, conseguimos utilizar algumas metodologias que permitissem a participação de todos os membros do grupo. Alguns registravam anotações que faziam parte do caderno de campo, registro das experiências e descrição dos lugares e da sociabilidade apresentada no local.

Os Registros no Caderno de Campo em forma de redação elaborada pelo aluno ou descrição detalhada dos elementos que mais lhes chamou atenção foram indispensáveis, pois demonstraram o envolvimento dos estudantes

com a proposta sugerida. Naturalmente alguns alunos não o fizeram ou não se sentiram à vontade para disponibilizar o seu relato, seja por vergonha de sua escrita ou mesmo o medo de ser convidado a fazer uma apresentação oral.

Esse é um aspecto interessante da pesquisa com jovens na educação básica: o medo e a timidez ou a preocupação em ser avaliado negativamente impedem que eles possam ser mais espontâneos, mesmo o professor deixando evidente que nenhum aluno seria avaliado por sua escrita ou apresentação oral, pois a avaliação seria na participação, intervenção, sugestões e envolvimento com a pesquisa virtual, documental e as visitas a campo, atrelados a participação das aulas.

Outros estudantes conversaram com moradores sobre a história da comunidade e sobre sua vida naquele local, sua origem, o que mais gostavam e como era seu cotidiano. Alguns moradores sentiam-se bem à vontade para falar, outros ficavam mais reservados.

Vale ressaltar que não utilizamos recursos como questionários ou gravadores, porque nossa intenção era ouvir os moradores de maneira espontânea e o emprego dos questionários e aparelhos tecnológicos poderiam inibir a participação dos nativos na coleta de dados e no processo de apreciação da história oral.

A culminância e a apresentação dos resultados da pesquisa foram realizados em dois momentos, na forma de painel e apresentação oral na Feira Regional de Ciência e Cultura da Cred 18 e na Mostra de Ciências Humanas da escola Teodorico Teles de Quental. Em ambas, contamos com os alunos que voluntariamente se candidataram para realizar as exposições dos resultados e também com a visita de alguns moradores das comunidades que foram contemplar o trabalho e as apresentações

RESULTADOS E DISCUSSÃO - INDO A CAMPO: CONHECENDO E VIVENCIANDO OS ESPAÇOS NAS COMUNIDADES

A Ponta da Serra

Os alunos visitaram os pontos históricos considerados principais nos dois distritos. Na Ponta da Serra, visitamos o Centro histórico, A igreja de São José padroeiro do distrito, empreendimentos como a Casa do Fumo

(Comércio e fábrica familiar de cigarros “brabos”, cigarros fortes de fumo produzidos, plantados e cultivados em sítios da região).

Visitamos também o Projeto Verde Vida (Instituição não governamental que atua na zona rural da Ponta da Serra no sítio Catingueira, com o objetivo de proporcionar arte, música, teatro e educação a crianças do meio rural, possibilitando que os jovens estudem e tenham um espaço de lazer e aprendizagem além da escola disponível para todos os jovens e crianças que estejam na escola, assíduos e que morem em áreas rurais próximas do projeto).

Outro local para nosso estudo foi a Rádio Difusora da Ponta da Serra. Idealizada, operada e mantida por Antônio Correia Lima “Toinho”, a rádio tem uma caixa amplificadora e mais doze caixas de som espalhadas na sede do distrito e presta um serviço de comunicação radiofônico aos moides tradicionais, não funciona na hora do almoço, nem a noite em respeito dos moradores do pacato distrito, a sede é na sala de sua casa onde divide espaço com a publicação e a divulgação do Jornal de Ponta da Serra também de sua autoria).

A igreja, localizada às margens do açude de Seu Manezim Xenofonte, no sítio Catingueira, foi outro ponto do nosso itinerário. Ela tem o perfil de capela, mas o seu difícil acesso impossibilitou a manutenção e visitas constantes. Conta-se que no açude existe uma cobra gigante que por lá habita. São histórias e lendas do imaginário popular que povoam a memória dos moradores do distrito.

Também conhecemos histórias de pessoas desconhecidas ou que não foram identificadas, mas que evidenciavam ser resquícios da escravidão na comunidade, pois apresentava locais e histórias que fazem referências a “apelidos” pejorativos comumente utilizados em negros e negras escravizados durante o período colonial, como a Cova da Negra (Pequeno túmulo erguido as margens da estrada que dá acesso ao açude da catingueira. Segundo relatos de moradores, conta-se que uma mulher negra foi morta por ataque de onça). De acordo com as informações de Antônio Correia Lima, em seu blog da Ponta da Serra,

Cova da Nega: em finais do século 19 foi sede da propriedade de mesmo nome, pertencente ao sr. Pedro Soares Celestino, senhor de escravos, ancestral da família celestino da nossa região. Dizem os mais velhos que aqui uma onça comeu uma negra escrava que ia fugindo dos seus donos; entendemos que a cova da nega representa o limite entre as terras do sítio altos e

sítio catingueira. (Antônio Correia Lima - Blog da ponta da serra, 2011)

Não se sabe a data exata ou quem era essa escrava, mas o município do Crato recebeu uma quantidade de escravos e algumas famílias ricas e tradicionais do município e distritos adquiriram alguns escravos, o que necessita de pesquisa mais aprofundada a esse respeito.

Outro relato colhido foi sobre o “Negro d’água” que assustava pessoas que iriam tomar banho no açude da Catingueira. O próprio nome ou referência do açude ser chamado de “Catingueira” ou “açude de seu Manezim Xenofonte” não foi revelado ou explicado pelos moradores, talvez esteja relacionado a caatinga, bioma característico do nordeste brasileiro.

Essas histórias ecoam na oralidade popular e devem ser investigadas de maneira mais profunda, por revelar aspectos importantes para a historiografia local. A Ponta da Serra revelou muitos elementos importantes que poderiam ser trabalhados em outros momentos. Naquela oportunidade não caberia ampliar a proposta de pesquisa para a Feira Regional, devido ao curto tempo dedicado à pesquisa.

O tema sobre escravidão e histórias da oralidade popular devem ser apresentadas e enfatizadas em outros trabalhos, pois o campo sempre nos revela curiosidades importantes. Para essa temática ser melhor discutida, seria necessário outro projeto que abrangesse pesquisas em cartórios, no arquivo municipal e registros de óbitos na igreja e cúria diocesana sobre os fundadores e primeiros moradores do distrito e sua relação com a escravidão.¹ Infelizmente não nos detemos naquele momento a essa temática, mas de certo ela será evidenciada em pesquisas futuras.

O Baixo das Palmeiras

No distrito de Baixo das Palmeiras, conhecemos lugares ricos em história da comunidade. Primeiro fomos até a Capela de São Sebastião, padroeiro da comunidade, em que se encontra um oratório de madeira bastante antigo e que, segundo moradores, já é centenário. A capela é pequena e rústica, apresentando traços de uma estrutura artesanal erguida com madeiras e barro, estrutura conhecida como casa de taipa.

1 Alguns desses dados já foram coletados pelo historiador Antônio Correia Lima e disponibilizados no endereço: <http://clafamiliardepontadaserra.blogspot.com/>

Depois, fomos até a casa de farinha na comunidade de propriedade do senhor José Gomes. O local está em ótimas condições de uso e frequentemente é realizado as farinhadas, ocasião em que os moradores mais antigos mantêm a tradição de produção caseira e artesanal de farinha, tapiocas e beijus de mandioca. A estrutura da casa de farinha é bem conservada e os moradores junto com a associação mantêm o espaço conservado e cuidado.

O outro ponto visitado foi a Pedra do Índio, que fica na divisa entre os sítios baixo das Palmeiras e baixo do Muquém. É uma rocha de aproximadamente um metro de altura com inscrições e riscos profundos. Os “rabiscos” talhados na pedra não seguem um padrão e os moradores das comunidades próximas atribuem a autoria aos povos originários da região, os Kariris.

Achados arqueológicos na comunidade de baixo das palmeiras, também reforçam a presença de povos indígenas na região. Foram encontrados duas machadinhas de origem indígena, vários fósseis de peixes e plantas da região, achados característicos de períodos jurássicos. Dois dentes de aproximadamente 10 cm de comprimento, também fazem parte dos artefatos encontrados nas comunidades de Baixo das palmeiras e Muquém, o que caracteriza uma grande riqueza arqueológica.

Por último, fomos visitar o Olho d’água, um poço natural com vazão de água constante e o banco de sementes produzidas e armazenado pelos moradores/agricultores da comunidade. Fizemos visitas também a alguns moradores antigos do sítio que nos contaram histórias sobre a sua comunidade, visitas de grupos de cangaceiros e tempos de fartura e dificuldades durante as secas.

Os moradores eram bem articulados e, com o acompanhamento do professor de geografia Francisco Wlirian Nobre (Liro Nobre, como é conhecido na região) estavam reunindo os achados e fazendo o resgate histórico sobre a comunidade para estruturar o dossiê que seria encaminhado aos órgãos responsáveis, justificando a necessidade de preservação dos sítios e não sua devastação em função de uma obra que poderia ser redirecionada. Em seu livro sobre a comunidade de Baixo das Palmeiras, o professor Liro Nobre afirma, “o trabalhador rural encontra problemas na disputa territorial do espaço e na mecanização capitalista que tenta ocupar a paisagem sertaneja” (NOBRE, 2015, p. 102).

A preocupação dos moradores com o avanço da obra, a articulação em manter viva a história local e a necessidade de lutar contra o sistema devastador que não respeita as particularidades de um povo batalhador e suas

riquezas naturais e culturais, acenderam, nos estudantes, uma chama de engajamento com a problemática levantada sobre os distritos e a vontade de se aliar na preservação e visibilidade dos distritos visitados.

No decorrer da pesquisa, verificamos a importância na manutenção e do cuidado efetivo das florestas e rios, fauna e populações nativas e interioranas de sítios e distritos das várias cidades do interior do Nordeste. Isso é de grande importância para o estudo e análise sociológica, pois permite conhecer suas particularidades e formas de relacionamento estabelecidas de maneira geracional, seus processos de sociabilidade, educação, trabalho e manifestações religiosas.

Compreender os elementos que marcam a vida de quem mora em zonas rurais de cidades interioranas e identificar suas riquezas, dificuldades e como se relacionam com a vida no campo são elementos ricos para a pesquisa e estudo das ciências sociais e humanas, por apresentar um campo de investigação amplo que consegue preservar elementos místico-religiosos, patrimônios materiais e imateriais, que usam uma linguagem rica e peculiar para narrar lendas e histórias de um tempo passado, que se envolve com o presente e um futuro incerto, e as repassam às novas gerações, tornando-se práticas sociais simbólicas.

Além de suas relações de produção e trabalho no campo como a agricultura, observamos o conhecimento de plantas medicinais, sementes variadas e artesanatos e a criação de animais em pequenas propriedades. Algumas comunidades parecem ter parado no tempo, outras apresentam um processo de desenvolvimento urbano e tecnológico muito avançado, em que alguns sítios mais parecem setores industriais especializados em produtos agrícolas, descaracterizando aquela visão “romântica” e saudosa da “casa da vovó”.

O avanço urbano em áreas rurais com o aumento de construções de casas padronizadas, condomínio e loteamentos privados acarreta outros fatores como comércios e indústrias e obras governamentais, e cada vez mais avançam em direção a sítios e comunidades mais afastadas da sede ou do centro da cidade. Como consequência, ocorre a descaracterização da comunidade, que era rural e mais isolada. Ela passa a apresentar outros fatores mais típicos de grandes centros urbanos como poluição, esgotos a céu aberto e trânsito intenso de veículos para se referir a alguns elementos.

O desenvolvimento urbano, longe de ser pensado como um vilão para as comunidades e os elementos culturais, deve antes de tudo ser visto como

construtor de novos significados sociais, culturais e econômicos. Analisá-lo dessa forma é perceber o quanto é rica a realidade que nos cerca, e possibilitar uma nova leitura da estrutura social criada por nós.

No entanto, o avanço e a forma como esse desenvolvimento causa impactos e transformações que nem sempre estão em sintonia de preservação da comunidade, preocupa-nos, pois respondem apenas a interesses do grande capital. A proposta de desenvolvimento acarreta inúmeros desafios e como consequência a transformação, o isolamento ou exclusão de alguns lugares são suas principais marcas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução de um projeto de pesquisa na educação básica exige muito de um único professor. O auxílio e apoio de outros colegas facilitam e permitem uma atuação melhor coordenada, pois a quantidade de alunos envolvidos e a necessidade de acompanhamento e supervisão são de extrema importância.

O tempo disponível para a pesquisa não era tão grande e alguns alunos não se comprometeram em participar de todas as etapas de desenvolvimento do trabalho. Unindo forças, os professores de história e geografia aceitaram a tarefa de auxiliar no processo de pesquisa, distribuindo tarefas e construindo saber com os estudantes envolvidos no projeto.

Os estudantes vivenciaram realidade ímpares em suas vidas, ouviram e constataram como os grupos sociais, sejam de grandes centros urbanos ou de pequenas comunidades agrícolas do interior do Ceará, lutam por seus ideais para manter sua história, memória e lares preservados, recorrendo a cultura e outras formas mais que legítimas, demonstrando como vivem e sofrem para manter suas comunidades e sítios sempre preservados.

Desenvolver uma proposta de projeto com estudantes do ensino médio, dedicados e ávidos pelo conhecimento, é gratificante. Perceber, nas redações, como eles analisaram cada lugar que conheceram durante a aula de campo, descreveram cada história que ouviram e defenderam cada morador que conheceram, incomparavelmente, majestoso.

Percebemos que nossa cidade tem muito a ser revelado e estudado e esperamos que as novas gerações de alunos e professores tenham a preocupação de estudar e analisar sua própria história e cidade.

O aprendizado foi mútuo e de grande importância para todos os envolvidos no projeto. As discussões e visitas aos locais ficaram marcadas na memória dos estudantes e professores. Aprender, ouvir e vivenciar o cotidiano de um nativo que em raros momentos recebe um grupo de estudantes em sua comunidade para conhecê-los e saber de seus desafios e preocupações como morador é uma semente de esperança para o nascimento de uma nova geração de estudantes comprometidos com a cultura e história local.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. **Conhecimento e imaginação: sociologia para o ensino médio**. Maria Ligia de Oliveira Barbosa, Tânia Quintaneiro, Patrícia Riveiro. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2012. (Coleção Práticas Docentes, 4).

BRITO, Anderson Camargo Rodrigues. **Águas para que(m): grandes obras hídricas e conflitos territoriais no ceará**. 1.ed. Curitiba, PR: CRV, 2016. 330p.

COLOMBO, Silmara Regina. **Professor pesquisador: Estreitamento dos limites entre teoria e prática**. Letras Escreve, Disponível em: <http://periodicos.unifap.br/index.php/letras> ISSN 2238 - 8060. Macapá, v. 5, n. 1, 1º semestre, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

FREITAG, B. **O indivíduo em formação: diálogos interdisciplinares sobre educação**. 3. Ed. – São Paulo, Cortez, 2001.

Jornal Diário do Nordeste: RADIO DIFUSORA NA PONTA DA SERRA. Segunda-feira, 25 de agosto de 2008.

MILLS, Charles. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Seleção e introdução Celso Castro; tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

NOBRE, Francisco Wilirian. **Baixio das palmeiras: apontamentos geográficos, culturais e históricos**. Juazeiro do Norte: BSG, 2015. P. 164.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. **Metodologias do Ensino de Sociologia na Educação Básica: Aproximações com os Fundamentos Pedagógicos.** Caderno de metodologias de ensino e de pesquisa / organizador Ileizi Luciana Fiorelli Silva...[et al.]. – Londrina: UEL; SET-PR, 2009. 453 p.: il.

SITES:

<http://blogdapontadaserra.blogspot.com/2011/01/passeio-catingueira-com-olhar-voltado.html> Acessado em: 18/07/2021.

<http://clafamiliardepontadaserra.blogspot.com/> Acessado em: 18/07/2021.
Sociologia em Movimento. Editora Moderna, 1ª edição, São Paulo 2013 PNLD 2015, 2016, 2017; FNDE Ministério da Educação.

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante.** Resenha da obra de: William Foote WHYTE. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada.** Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005. 390 páginas. Disponível em: REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 22 Nº. 63. Site: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/H6CDbCRcfpPK3YmWcrrpw4K/?lang=pt&format=pdf>